

Corpo negro em liberdade na poética de Ruy Duarte de Carvalho

Isabelita Maria Crosariol

Mestranda em Letras - PUC-RIO – Brasil

E-mail: isabelitacrosariol@yahoo.com.br

RESUMO: O trabalho tem por objetivo verificar o modo como o corpo angolano se apresenta na poética de Ruy Duarte de Carvalho. Para tanto, elegeu-se a obra do colonialista português Henrique Galvão como representante dos discursos coloniais, e a ela foram confrontados poemas do escritor angolano, de modo a evidenciar as distinções entre o discurso do passado opressor e o discurso inserido em um momento pós-colonial. O que se verificou ao longo desse processo foi que, enquanto os textos de Galvão são carregados de uma concepção negativa e preconceituosa do corpo negro, na poética de Ruy Duarte de Carvalho, este aparece como imagem positiva, como um corpo capaz de resistir aos mecanismos de silenciamento impostos pelo poder.

PALAVRAS-CHAVE: corpo negro; pós-colonialismo; Ruy Duarte de Carvalho.

O corpo negro vai ser alforriado pela palavra poética que procura imprimir e dar outras lembranças às cicatrizes das marcas de chicotes ou às iniciais dos donos-colonos de um corpo escravo. A palavra literária como rubrica-eneite surge como assunção do corpo negro.

Conceição Evaristo

Vou procurar nos corpos o fremir das horas, nas praças vou colher a direcção dos dias, nas bibliotecas consumir razões e em vozes de profetas eu vou beber os afluentes da minha tolerância.

Apenas o meu corpo preserva a virgindade. E vou-lhe dar a herança das palavras.

Ruy Duarte de Carvalho

Compreender o modo como o corpo negro é valorizado pela criação poética de Ruy Duarte de Carvalho é uma tarefa que nos coloca diante da constatação de que, após séculos de negação da identidade negra (em detrimento da afirmação de uma superioridade branca), passou-se a buscar modos de enunciação que abordassem positivamente a corporalidade africana.

Como explica a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2003), se, ao longo da experiência histórica, recorreu-se à cor da pele como modo de se enfatizar a superioridade do europeu em relação ao africano, no atual contexto, reclama-se não só a desconstrução e a superação das teorias racistas amplamente difundidas no final do século XIX e no início do século XX, mas também a percepção da cultura negra como um elemento que deve ser tomado em relação com outras culturas. “E nessa relação não há nenhuma pureza; antes, existe um processo contínuo de troca bilateral, de mudança, de criação e recriação, de significação e ressignificação” (GOMES, 2003, p. 79).

Em sua obra *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, ao analisar o modo como colonizado e colonizador são representados nos discursos coloniais, Albert Memmi (1977) já destacava o fato de que, da mesma forma que a burguesia propunha uma imagem do proletário, a existência do colonizador reclamava e impunha uma imagem do colonizado. Era, portanto, contrapondo sua imagem à do colonizado deficiente, preguiçoso, indolente e libertino, que o colonizador afirmava sua superioridade, ao mesmo tempo em que justificava a implantação na colônia de práticas missionárias e “civilizatórias”.

Na literatura colonial portuguesa, as narrativas de Henrique Galvão são bastante ilustrativas dessa afirmação. Em seu “Relatório da Huíla” (escrito no período em que foi governador desse distrito – fevereiro a junho de 1929), assim como em seus textos literários, Galvão deixou registrado seu desejo de promover na África a “civilização” e cristianização dos “nativos” e, com isso, contribuir para que Portugal afirmasse sua missão imperial perante o mundo. Deste modo, embora a imagem de Galvão seja freqüentemente associada ao assalto ao paquete Sta. Maria em 1961 (evento intrinsecamente ligado à eclosão da guerra colonial angolana), definitivamente ele não pode ser considerado um herói da história de Angola.

O olhar de Galvão em relação aos negros angolanos era redutor e preconceituoso, uma vez que esses eram percebidos como indivíduos incapazes de pensar racionalmente. Eram crianças grandes que deviam ser “civilizadas” por meio de sua ocidentalização, processo no qual os indígenas seriam transformados em consumidores, trabalhadores assalariados, e pagadores de impostos (ZILHÃO, 2006). Evidenciava-se assim a importância da ida dos portugueses para África para, em uma missão heróica e imperiosa, libertar o indígena do atraso evolutivo supostamente responsável por lhe dar a seguinte feição:

Era um tipo repelente de animal bravio. A sua expressão anatômi ca oscilava entre a do homem e a do símio. [...] Se realmente é de admitir que o homem descende do macaco e se as certezas científicas de Darwin são mais alguma coisa do que habituais fantasias duma Ciência, que todos os dias nega o que ontem afirmou para dar lugar a uma nova afirmação, os muncalas representam, dentro dessa verdade, o ser em transição. (GALVÃO *apud* SANTOS, 2007, p. 67)

Henrique Galvão era um homem de seu tempo. Logo, se a ideologia colonial vigente naquele momento concebia os africanos com o seres selvagens de comportamento animalesco – uma espécie intermediária entre o homem europeu e o macaco, mas que poderia sair de sua condição “primitiva” com a ajuda de indivíduos mais “evoluídos” –, para Galvão (que se apoiava no mito do império português), ficava bastante claro que a missão de Portugal era a de criar um império uno e indivisível, em que os territórios ultramarinos fossem modelados à imagem e semelhança da metrópole, e seus habitantes, convertidos em metropolitanos. (ZILHÃO, 2006).

Textualmente esse papel missionário firmava-se nas narrativas do colonialista português a partir da oposição entre a imagem do colonizado e a imagem do colonizador. Neste processo, o corpo angolano era concebido como corpo alheio e repulsivo, ora bestializado ora infantilizado, mas que podia ser salvo com a intervenção do colonizador. No caso específico da mulher angolana, verificava -se seu enquadramento no cerne do que havia de mais primitivo, visto que sua condição de inferioridade era dupla: ela era mulher e ela é negra.

Foi a velha quem primeiro se humanizou. Entreabriu os beijos hediondos num riso aberto, em que não luziam os dentes. [...] Era uma velha preta como todas as pretas de idade: magra, engelhada, esquelética, com seios vasios e achatados, pendurados no peito como longas peúgas molhadas. [...] Ao seu lado, a preta mais nova, com o filho às costas, os seios alongados e pingarem pérolas de manteiga derretida, os olhos bogalhudos e mortiços. (GALVÃO *apud* SANTOS, 2007, p. 65)

Isildinha Nogueira, em texto intitulado “O corpo da mulher negra”, afirma que “falar sobre o corpo da mulher negra implica *a priori*, pensarmos o corpo enquanto signo, como um ente que reproduz uma estrutura social de forma a dar -lhe um sentido particular, que certamente irá variar de acordo com os mais diferentes sistemas sociais” (NOGUEIRA, 1999, p. 41). Do mesmo modo, a imagem do homem angolano criada e difundida pelos discursos coloniais seria produto de crenças e de sentimentos eurocêntricos que foram fixados ao seu corpo, e que, mostrando-se resistentes à possibilidade de serem dele desgarrados, a ele permaneceram (e ainda permanecem) fortemente unidos.

Ruy Duarte de Carvalho, escritor cuja produção se insere em um contexto pós-colonial, percebe sua criação poética como espaço onde novos significados podem ser atribuídos ao corpo angolano.

Em função disto, não raro a mulher angolana ganha voz. É justamente ela que no poema “Noção geográfica” afirma:

A esses que me perguntam
donde lhes vem a direcção escolhida
e são apenas a direcção lançada
ao centro indefinido da razão;

e que empunham as armas sem saber
razão fundamental para o seu uso;
e que indecisos se erguem para indagar
a que futuro apontam

elevo a voz para dizer
das múltiplas razões para uma entrega
ao tempo de partir e edificar
as naves de arremesso

e construir uma nação sem muros
onde se expanda o eco da alegria
cavada em vossos peitos
pelo resgatar dos corpos e da cor
de encontro à bruma que ficou contida
entre os dois tempos de uma manhã morta
adonde nos jazia a decisão
e atônitos olhávamos os dias
perdidos entre a noite e sem saber -lhe o fim. (CARVALHO, 2005, p. 79)

Rompe-se, assim, com a perspectiva eurocêntrica, machista e elitista, tão característica dos discursos coloniais.

Diferentemente, contudo, do que fizeram alguns de seus conterrâneos outrora influenciados pelas idéias da *Négritude*, a cor negra não será uma obsessão em seu discurso. O homem angolano será de fato retratado em seus poemas – quanto a isto não há dúvidas –, porém, não será sua cor que assumirá o valor de marca identitária, e sim sua cultura. Neste sentido, é possível afirmar que, antes de optar por uma abordagem que empregue a cor negra como sinédoque do “ser angolano”, o poeta

privilegiará uma abordagem preocupada em captar as vivências concretas de alguns grupos angolanos, assim como suas diversas formas de conceber o mundo. Uma árvore, no Zaire (GALVÃO *apud* SANTOS, 2007, p. 65).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Lavra: Poesia Reunida 1970-2000**. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. In: X Congresso Internacional da ALADAA. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>> Acesso em 10 out. 2008.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro**, n. 23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2008.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. Pulsional. **Revista de Psicanálise**. São Paulo, ano XIII, n. 135, p. 40-5. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/135_04.pdf> Acesso em 20 out. 2008.

SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento. **Descamunhos narrativos: estudos dos romances “O sol dos trópicos” e “O velo d’ouro”, de Henrique Galvão, e o “Esplendor de Portugal”, de António Lobo Antunes**. Tese de Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

VALVERDE, Paulo. **Etnográfica. Lisboa**, v. 5, p. 73-96, 1997. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_01/N1/Vol_i_N1_73-96.pdf> Acesso em 20 out. 2008.

ZILHÃO, Paulo Manuel Pulido Garcia. **Henrique Galvão: prática política e literatura colonial (1926-36)**. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.